**PEÇA TEATRAL – Cena do livro Há dois mil anos, Capítulo 4, de Francisco Xavier.**

**Professor Me. Ciro José Toaldo.**

Essa é uma cena que retrata um momento em que o Senador Publius Lentulus, em sua casa, encontra-se com sua esposa Lívia e revela o grande amor do casal e o quanto sua esposa era importante para aquele importante Senador Romano.

**Histórico –** Essa foi uma peça escrita após estudarmos o livro de Francisco Xavier pelo Espírito Emmanuel, Há dois mil anos, feito em nosso Centro Espírita Paulo e Estevão (GEPE) da cidade de Naviraí MS. Após o estudo e a escrita, fizemos diversos ensaios e na comemoração do dia dos namorados, o teatro foi apresentado. Tivemos a preocupação de apresentar as vestimentas e cenários que caracterizavam a época do auge do Senado Romano e de seus Imperadores. No dia da apresentação, contamos com a presença de um público expressivo. O elenco foi composto de dois personagens principais, além de ter um narrador, um assistente de palco e um elemento que contou o violão (para que parecesse a harpa tocada por Lívia). Também tivemos a preocupação com a sonorização e com jogos de luzes.

Para os desejosos em reproduzir essa peça, fica a dica para apresentar próximo ao dia dos namorados, tenham certeza que o público vai adorar. Segue a peça.

**(Introdução) Narrador -** Iremos apresentar uma cena que se encontra no livro: Há dois mil anos, no Capítulo 4. Este livro de Francisco Cândido Xavier pelo Espírito Emmanuel, narra a cena entre o Senador Romano, chamado de PUBLIUS e sua esposa LÍVIA.

**Narrador:** O Senador Romano Publius Lentulus, encontrava-se em Jerusalém, onde foi agraciado, pelo governador Pilatos, com uma solene festa. No decorrer daquela festividade, o governador, nos jardins de sua casa, assediou Lívia, esposa do senador, mas, ela não se entregou aos prazeres do mesmo. Contudo, Fúlvia, esposa de Súlpicio Tarquínio, presenciando a cena entre Pilatos e Lívia, deturpando os acontecimentos, foi contar ao Senador, levantando falsas calúnias a respeito de Lívia. Após ouvir Fúlvia, o Senador, mesmo não acreditando naquele relato, passou a desconfiar de sua esposa, deixando à amargura contaminar seu coração. Fúlvia, também afirmava que Lívia deseja partir imediatamente para Nazaré, a fim de se encontrar com o governador.

**Narrador**: Na noite daquele mesmo dia, encontramos Publius e Lívia, a sós. A esposa, notando no rosto do esposo sinais de contrariedade, diz:

**(Lívia):** Querido, eu não gosto de te ver assim com tanto desgosto no coração. O que ouve? Por acaso, não encontrou em Jerusalém a paz que procura para desenvolver suas obrigações?

**(Publios):** Não, não é isso Lívia, estou apenas cansado, ainda estranho o clima da Palestina.

**(Lívia):** Precisamos apressar nossa mudança de Jerusalém para um ambiente mais calmo, onde possamos ficar mais a sós, longe deste círculo de pessoas mesquinhas, com hábitos tão diferentes dos nossos. Quando partimos para Nazaré?

**(Publios):** Para Nazaré?

**Narrador**: Publios se irrita, e seu espírito é tocado pelo veneno do ciúme ao lembrar inconscientemente das acusações de Fúlvia.

**(Lívia):** Sim, meu marido, eu juro se pudesse partiria para Nazaré amanhã mesmo, pois, não foi essa a providencia, ontem proposta?

**(Publios):** Decidi hoje, será melhor nos instalarmos em Cafarnaum.

**(Lívia):** Mas, não estava certo de irmos para Nazaré?

**Narrador**: E tomando a mão da companheira, como se buscasse um bálsamo para sua alma ferida, sussurrou-lhe de manso:

**(Publios)** – Lívia você é tudo que me resta neste mundo!... Nossos filhos são flores da sua alma, que tive a felicidade de receber dos deuses para alegrar meu coração. Perdoe-me, meu amor.

**(Publios)** - Há quanto tempo venho sendo grosseiro e insensível, esquecendo o carinho que tem demonstrado por mim! Parece-me estar despertando com a alma receosa e oprimida. Tenho tido pensamentos estranhos e absurdos. Temo perder seu amor, saiba que a aguardo para sempre em meu coração. Perdoa-me...

**Narrador:** Enquanto ela o contemplava surpresa, seus lábios cobriam as mãos de beijos ardentes, e uma lágrima transbordou de seus olhos cansados.

**Lívia:** Que é isso, Publius? Choras?

**Publios:** Sim! Minha alma está repleta de visões sombrias, prevendo o fim da nossa felicidade, mas eu preciso ser forte! Querida, não me abandone - me dê sua mão para atravessarmos a estrada da vida, porque sei que ao seu lado eu posso vencer o próprio impossível!

**Narrador:** Tomando as mãos do marido, Lívia o conduz para o terraço, traduzindo todo o seu sentimento através das cordas da harpa, na melodia de uma canção escrita por Publios em sua mocidade, em que há muitos anos, não tinha o prazer de ouvi-la na voz da sua amada esposa:

**Lívia** canta:

Alma gêmea da minha alma,

Flor de luz da minha vida,

Sublime estrela caída

Das belezas da amplidão!

Quando eu errava no mundo

Triste e só, no meu caminho,

Chegaste, devagarinho,

E encheste meu coração.

Vinhas na benção dos deuses,

Na divina claridade,

Tecer-me a felicidade,

Em sorrisos de esplendor!

És meu tesouro infinito,

Juro-te eterna aliança,

Porque eu sou tua esperança,

Como és todo o meu amor!